

ISSN 0101-708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

G BOLETIM GOIANO de Geografia

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS

VOL. 11 Nº 1 - JAN./DEZ. 1991

**A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA
UM CASO EM CATALÃO(*)**

Helena Angélica de Mesquita (**)

RESUMO

A modernização da agricultura na região de Catalão, sul de Goiás, se dá na década de 1980 com o avanço do cultivo da soja, dentro do processo da expansão do capitalismo no campo. O que caracteriza o processo é a incorporação de áreas de cerrado às atividades produtivas intensivas, com o uso de tecnologia avançada, ocupação sistematizada de toda área das propriedades e a utilização de mão-de-obra altamente especializada. Essa modernização é viabilizada pelo emprego de vultoso capital financeiro associado ao know-how dos empresários oriundos do sul do país.

UNITERMOS: Modernização da Agricultura: Conjunto de métodos e técnicas que visam aumentar a produtividade.

(*) Parte de monografia apresentada na disciplina História das Sociedades Agrárias II, do Mestrado em História das Sociedades Agrárias.

(**) Mestranda em História das Sociedades Agrárias da UFG. Professora do Campus Avançado da UFG, em Catalão.

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

INTRODUÇÃO

A expansão do capitalismo no campo, como modernização da agricultura, dá-se de forma extensiva, intensiva e repressiva ao mesmo tempo. Extensiva, com a incorporação de novas áreas às atividades produtivas intensivas; intensiva com a ocupação sistemática de toda a área da propriedade, e repressiva enquanto sujeita sempre mais o trabalhador rural à expropriação e à violência.

A implantação das fazendas modernas acontece dentro desse contexto, e estão como "locus" da explicitação do processo, que se abre no Brasil, em 1970, e em Catalão, especificamente, nos anos 80. Algumas características e especificações já podem ser observadas:

- rapidez com que se instalam e entram no circuito da produção;
- ocupação sistematizada de toda a área da propriedade;
- análise e correção de solos;
- mecanização total;
- mão-de-obra assalariada e altamente qualificada;
- concentração de todas as atividades em uma sede;
- ocupação de grandes áreas;
- produção diversificada, mas com um produto em destaque.

Tudo isso é possível, graças ao emprego de vultoso capital financeiro e know-how advindo de experiência na atividade em outras regiões do país.

O presente estudo é uma tentativa de analisar as características citadas acima e uma busca da compreensão das causas que influenciaram a instalação de fazendas modernas em Catalão e em especial a Fazenda Maringã.

PARTE I

1. As Relações de Trabalho e a Estrutura Fundiária no Brasil

O Brasil nasce sob a égide do capitalismo na sua fase mercantil. As formas do capitalismo se reproduzirão e vão variar do século XVI ao século XX. E as relações de trabalho assim como a mão-de-obra estarão sujeitas a essas variações que, por sua vez, estão

dentro de um giro maior que é o próprio sistema como um todo.

A primeira fase foi o escambo. Os indígenas têm vivência comunitária, o que produzem todos se apropriam. O modo de fazer os índios entrarem no giro do capitalismo seria pela submissão, com a sua conseqüente transformação em classe subalterna.

Esgotada a forma de escambo (Pau-Brasil), a colônia tinha de fornecer algo significativo economicamente para a metrópole. Os portugueses têm de articular os três elementos para a produção de algo que atendesse ao mercado europeu. Esses três elementos eram: terra, mão-de-obra e capital.

A terra era abundante e livre. A mão-de-obra seria através da subordinação dos indígenas, mas o nível técnico insatisfatório aliado a outros fatores, inviabilizaram a empresa. Para o andamento do processo foi buscada a mão-de-obra escrava, utilizando-se o negro. No entanto, chega-se a um momento em que a escravidão não mais interessa e não é mais um benefício. É então abolida a instituição.

Antes mesmo da abolição da escravidão, a classe dominante já está se organizando e o negro escravo já está sendo substituído pelo trabalhador livre⁽¹⁾, na forma de assalariamento ou outras como o colonato, arrendamento, parceria e meação que já existiam antes, mas foram mantidas e até recrudescidas porque serviam ao propósito capitalista de reprodução e acumulação do capital.

Numa sociedade predominantemente agrária, as relações estarão sempre ligadas à posse, propriedade e uso da terra. E mesmo o processo de industrialização reflete tais relações.

Nos primórdios da indústria, no Brasil, esta está sujeita a agricultura e às atividades agrárias. Mas com as transformações, o processo se inverte e a agricultura continua no seu papel de produzir alimentos e matérias-primas e ainda fornecer todo contingente de mão-de-obra para o setor secundário.

A alteração da base técnica da produção, que é característica central do processo de subordinação da agricultura à indústria e ao capital financeiro, demonstra que as mudanças determinadas pela

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

indústria na forma de produzir, obrigou a agricultura a se submeter aos padrões tecnológicos impostos.

A questão de acesso, posse, propriedade e utilização da terra no Brasil, passa por etapas que se relacionaram sempre às condições impostas pelo modo de produção capitalista. Uma vez que a parte mais importante da produção é dedicada aos mercados externos. Os espaços são organizados atendendo tais exigências. Ou seja, um produto principal, ao qual são dedicadas às melhores terras e maior tecnologia, e os cultivos de alimentos e outros, para o mercado interno ficam nas franjas das grandes propriedades. Nesse processo é inerente a grande acumulação de terras e de rendas, o que vem caracterizando a estrutura brasileira ao longo de séculos.

A grande implantação das fazendas modernas parece que não veio quebrar essa estrutura; no entanto, veio dinamizar o comércio de terras, modificar as relações sociais, e fortalecer os grandes proprietários. A estrutura baseada na grande propriedade não foi abolida, pelo contrário, nas empresas rurais isso é um elemento indispensável.

2. Catalão e a Questão Agrária

Catalão não apresenta singularidade em relação a várias outras áreas do Brasil. Como qualquer espaço capitalista, há uma permanência de relações de produção arcaicas juntamente com progressiva criação de relações puramente capitalistas e a aplicação das mais sofisticadas tecnologias.

A sede do município é cidade tradicional, que passou por período de significativo progresso até 1950, depois, conheceu uma fase de relativa estagnação política, econômica e social.

Nas áreas de terras férteis, Catalão produzia e exportava arroz, milho, feijão; depois sua atividade predominante foi a pecuária e na última década se transforma em grande produtor de soja e minérios. As lavouras de soja não vieram substituir as roças⁽²⁾ e os cultivos de alimentos, pois se instalaram na região do cerrado, ou trora áreas de pastagens extensivas.

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

Catalão foi palco de lutas sangrentas e conflitos violentos por questões políticas, sociais e econômicas, mas o pano de fundo sempre foi a questão de terras, principalmente a posse e a propriedade de grandes e poderosas fazendas.

As recentes políticas agrícolas e a dinamização do mercado de terras provocaram a penetração de novos empresários rurais que, com o emprego de vultosos capitais, aceleraram o processo de modernização.

A produção agrícola de Catalão cresceu cinco vezes; todavia, nos últimos anos, a quantidade de empregos gerados para o setor agropecuário foi muito pequena, donde se conclui que o aumento da produção ficou, sobretudo, por conta das inovações tecnológicas.

O processo de desenvolvimento econômico do município, ocorrido recentemente, deu-se em decorrência da exploração dos minérios, do cultivo agrícola que vem aumentando bastante, da criação do gado bovino, da instalação de indústrias que, em conjunto, responderam pela ampliação do mercado de trabalho, aceleração do desenvolvimento do município e a expansão da malha urbana.

"Dados históricos demonstram a probabilidade da existência do povoado de Catalão a partir de 1728. Em 20 de agosto de 1859, a Vila Catalão elevou-se à categoria de cidade. O município era constituído pelos distritos de Santo Antônio do Rio Verde, Ipameri, Corumbaíba, Cumari, Goiandira, Ouvidor, Três Ranchos e Davinópolis. Atualmente, apenas Santo Antônio do Rio Verde permanece como distrito, já os demais se emanciparam. Catalão possui três povoados. Pires Belos ou Vendas, Olhos d'Água e Pedra Branca". (Stacciarine - 1988).

"No que se refere a região do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, cabe aqui acrescentar que, historicamente, esta área situada a nordeste da sede administrativa do município de Catalão, sofra influências, no século passado, da rica região mineradora de Paracatú (MG) e tinha, até pouco tempo atrás, as suas atividades voltadas, de maneira mais forte, para a pecuária extensiva e para a agricultura de subsistência". (Stacciarini - 1988).

Aspectos físicos tais como abundância de cursos d'água e to

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

pografia plana, aliados aos baixos preços das terras e à expansão do capitalismo monopolista do Centro-Sul para o Centro-Oeste do Brasil, responderam pelo processo de ocupação intensiva da região do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, que hoje encontra-se com suas áreas concentradas nas mãos de poucos proprietários que, diante de uma alta mecanização e da criação de uma infra-estrutura apoiada pelo setor público, alcançam boa produtividade, por área e por trabalhador, como confirmam as tabelas 2 e 3.

PARTE II

1. Abertura das Fazendas Modernas em Catalão

Como ficou exposto na primeira parte desse trabalho, a região de Catalão é área de tradicional criação de gado bovino para corte e leite, e ainda produzia arroz, milho e feijão em escala significativa.

Com a exploração das jazidas minerais, principalmente de fosfato a cidade passa a receber grande número de imigrantes de outras cidades do Estado, de outras regiões do Brasil e também da zona rural local.

A exploração dos minérios veio incrementar o desenvolvimento local, pois acenava com a possibilidade de muitos empregos. Há, portanto, um afluxo de trabalhadores que dinamizam o comércio e ao mesmo tempo dá à cidade um caráter diferente. Vários bairros periféricos surgiram, ao lado de áreas super valorizadas. A paisagem urbana se altera e com ela a especulação imobiliária. Coincidentemente, é nessa mesma época, que se inicia a abertura das modernas fazendas agro-exportadoras e que, com rapidez, se tornam grandes empresas rurais.

Como está evidenciado na primeira parte desse trabalho, a expansão da fronteira agrícola encontrou em Catalão espaço muito favorável, principalmente pelos preços das terras, localização com certa facilidade de acessos aos portos e centros consumidores, abundância de calcário⁽³⁾ e o fosfato, aliado a política agrícola do governo de incentivo à produção de exportáveis. Tudo isso atraiu os

experientes plantadores de soja do sul do país, principalmente do Paraná, que trouxeram seu "know-how" aliado a vultoso capital financeiro.

A soja é um dos mais recentes cultivos introduzidos no Brasil. A história não difere muito de outros cultivos de grande porte que, a cada época ou a cada momento, dominam a agricultura brasileira, ocupando áreas, às vezes, em substituição a cultivos em decadência, ou ocupando áreas de pastagens extensivas. Normalmente, essas lavouras não absorvem a mão-de-obra local, pois é exigência do processo que os trabalhadores desses cultivos sejam especializados e possam se dedicar exclusivamente à atividade na qual se empenham.

Com tecnologia sofisticada e em curtíssimo espaço de tempo, a soja atingiu áreas onde até recentemente não se cogitara tal cultivo.

Organiza-se em torno das plantações um tipo peculiar de sociedade que está transformando a paisagem rural.

A unidade produtiva enfocada nesse trabalho, a Fazenda Maringá é um exemplo típico dessa expansão. Aberta em 1993, já contribui com aproximadamente 10% de toda a soja produzida na região. Está situada no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde. É a área de maior planura topográfica do município. O solo é de cerrado, bastante pobre e ácido, mas a possibilidade de mecanização total compensa os investimentos necessários.

Os fatores determinantes da expansão são, então, o capital financeiro, a alta tecnologia e a certeza de mercados e preços.

O aproveitamento do cerrado para as atividades de cultivos intensivos requer vultosos capitais, capazes de arcar com uma moderada tecnologia e todos os outros custos inerentes.

2. A Fazenda Maringá

A Fazenda Maringá está situada no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, no município de Catalão, a aproximadamente 100 quilômetros da cidade sede.

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

O nome da fazenda é uma homenagem dos proprietários à cidade de Maringá, pois consideram aquela região como a que lhes possibilitou a prosperidade e a possibilidade de se expandirem para outras áreas.

A abertura da fazenda deu-se em 1983, quando foi adquirida a primeira área de 3.774ha e outras áreas foram incorporadas, como mostra o quadro que se segue:

ANO	EXTENSÃO	PROPRIETÁRIO ANTERIOR
1983	3.774,0 ha	Agropecuária Tiúba
1984	745,3 ha	Maria Mathias B. Paiva
1985	193,6 ha	Sebastião Pavesi
1986	866,3 ha	Nain João Safatle

TOTAL - 5.579,2 ha

FONTE: Informação fornecida por José Carlos Rampelotti em maio de 1990.

Diante do quadro, pode-se perceber que a área é relativamente extensa, e foram associadas 4 glebas que agora se constituem uma única unidade produtiva. Percebe-se também que essa formação é bastante recente.

A fazenda faz limites ao norte, nordeste e leste com o Estado de Minas Gerais, precisamente com o município de Paracatú. É área muito bem irrigada e dentro de suas fronteiras está a nascente do Rio São Bento que é um dos mais importantes do município. Abriga ainda a nascente do Rio Bravo, que dá origem ao Rio Verde, além de outras muitas nascentes de mananciais menores. A nascente do córrego Vargem Grande possibilitou a formação de uma represa onde está instalado o sistema de irrigação do modelo Pivot Central - que permite o melhor aproveitamento de algumas áreas para o cultivo do feijão que, irrigado, produz duas safras e meia ao ano, aumentando assim, ainda mais o aproveitamento de todo o espaço da propriedade.

A formação dessa empresa corresponde ao surto de expansão ca

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

pitalista com o avanço de modernas fronteiras agrícolas que se abriram em 1970, no Brasil e em Catalão, especificamente, na década de 1980.

A propriedade funciona dentro dos parâmetros da empresa rural, com cultivos intensivos e completamente mecanizados. A lavoura principal é a de soja, destinada aos mercados interno e externo. São cultivados ainda arroz, feijão e milho, esses plantados na abertura da lavoura ou nos interstícios de plantação de soja. A alternativa de cultivo é medida profilática contra as pragas e a degradação do solo.

A pecuária bovina ocupa áreas menos férteis e mesmo algumas áreas de pastagens artificiais. É gado destinado a corte, leite e reprodução.

A criação de suínos e aves atende ao consumo interno. Cultivos de menor escala destinados a abastecer os próprios trabalhadores são café, hortaliças, legumes e frutas.

A administração direta da fazenda está a cargo de José Carlos Rampelotti que é um dos proprietários juntamente com os irmãos: João Cláudio Rampelotti, Jaime César Rampelotti, Jairo Celso Rampelotti e Jonas Cloves Rampelotti.

Na administração, José Carlos Rampelotti é auxiliado pelos irmãos, que prestam serviços intermitentes com o gado, manutenção das máquinas e outras tarefas na época de plantio e colheita.

Importante perceber que o proprietário é o administrador e também o produtor direto.

A família é detentora de outras propriedades no Paraná e em outras regiões.

Os Rampelotti têm descendência italiana. Os bisavós eram agricultores na Itália e migraram para o Brasil, em 1900, se instalando na cidade de Brusque em Santa Catarina. Não eram trabalhadores especializados e, até 1960, não eram proprietários. Trabalharam em diversas atividades, até 1952 quando emigraram para o Paraná e, em regime de parceria, trabalharam na formação de cafezais.

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

A primeira gleba de terra adquirida pelos Rampelotti foi em 1960 em Itambê, Paranã, onde hoje são proprietários de fazendas de soja e criação de gado bovino. A história dessa família não difere muito da de outros grupos que conseguiram prosperar no Brasil.

A Fazenda Maringã, apesar de ser muito recente, está sendo explorada totalmente, respeitados os 20% de cobertura natural previsto em lei, de forma racionalizada, com elevada produtividade e um número reduzido de trabalhadores (ver tabelas 1, 2 e 3).

TABELA 1: Mão-de-obra empregada

ANO	TRABALHADORES FIXOS	TRABALHADORES TEMPORÁRIOS	TOTAL
1984	6	10	16
1985	8	10	18
1986	8	12	20
1987	8	10	18
1988	10	12	22
1989	14	13	27
1990	12	15	27

FONTE: Livro de Registro de Trabalhadores da Fazenda Maringã.

OBS: É importante ressaltar que aqui não está incluído o proprietário administrador e nem os irmãos que prestam serviços intermitentes.

A tabela demonstra que a fazenda foi aberta com apenas 6 trabalhadores fixos e 10 temporários. Fica evidenciado também que o aumento de número dos trabalhadores fixos e temporários é proporcionalmente desigual, enquanto os primeiros aumentaram em 100% os segundo agumentaram em apenas 50%.

Os trabalhadores fixos são os que cuidam da manutenção da

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

fazenda, da abertura de novas áreas de cultivo e da criação dos animais. Os trabalhadores temporários são "safristas".(4)

Todos os trabalhadores temporários são oriundos do Paraná, onde são recrutados especialmente para plantio e colheita. São trabalhadores altamente treinados para essa especialidade. Como a época do plantio e colheita da soja em Catalão não coincide com Maringá, esses trabalhadores, às vezes fazem até três safras num mesmo ano.

Alguns desses trabalhadores temporários ficam na fazenda Maringá até 60 dias consecutivos na época da colheita.

A colheita é feita em regime intensivo, com trabalhadores em turnos durante as 24 horas do dia.

O sistema de trazer trabalhadores do Paraná é justificado pelo proprietário(5) pela especialidade da mão-de-obra e pelo fato de ficarem direto na propriedade sem terem de se deslocar no final de semana para junto de suas famílias ou para virem à cidade(6).

O regime de trabalho é intensivo. Esses trabalhadores demonstram ser pessoas esclarecidas e terem noção do valor de trabalho e da mercadoria produzida.

Em entrevistas realizadas, em 1988 e 1990, com os trabalhadores, pode-se perceber que há uma evidente preferência por empregar trabalhadores jovens e solteiros. A média de idade é de 24 anos.

No Paraná, os salários desses trabalhadores são "seco" (7) enquanto na Fazenda Maringá é "livre" (8), embora o quantitativo salarial seja o mesmo.

Os trabalhadores temporários são denominados peões(9).

Os trabalhadores fixos residem dentro dos limites da sede da propriedade. São tratoristas e motoristas. Esses trabalhadores são denominados "colonos"(10) no Paraná, e na Fazenda Maringá, o termo também é usado. São, na maioria, oriundos do Paraná. Como residem com suas respectivas famílias nas casas da fazenda, usufruem de

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

um pomar - cultivam hortaliças e criam galinhas e porcos para o próprio consumo. As companheiras dos trabalhadores fixos também são empregadas na fazenda e cuidam da cozinha e da limpeza.

Quanto ao sistema de pagamento é estabelecido uma espécie de prêmio de produtividade em duas modalidades; uma é relacionada com o rendimento das máquinas e outra, com o resultado final de cada safra. Normalmente esses prêmios são em produtos e geralmente os trabalhadores preferem vendê-los ao patrão para aumentar um pouco mais osalário.

TABELA 2 - Produção por Safra (Toneladas)

ANO	SOJA	ARROZ	MILHO	FEIJÃO	TOTAL
1983/84	1.683	270	-	-	1.953,0
1984/85	2.808	330	6	1,2	3.145,2
1985/86	3.312	480	480	1,6	4.273,6
1986/87	3.672	240	810	1,9	4.723,9
1987/88	4.195	310	135	2,4	4.642,4
1988/89	4.300	150	1.080	3,6	5.533,6
1989/90	4.380	420	2.820	4,2	7.624,2

FONTE: Livro de Registro da Fazenda Maringã.

TABELA 3 - Área cultivada, produção, número de trabalhadores

ANO	ÁREA CULTIVADA em ha	PRODUÇÃO EM TONELADAS	TRABALHADORES
1983/84	1.000	1.953,0	16
1984/85	1.400	3.145,2	18
1985/86	1.750	4.273,6	20
1986/87	1.950	4.723,9	18
1987/88	2.165	4.642,4	22
1988/89	2.900	5.533,6	27
1989/90	3.400	7.624,2	27

FONTE: Livros de Registro da Fazenda Maringã.

Pode-se perceber que os quantitativos em área e em produção têm aumentado gradativamente e a produtividade também tem aumentado regularmente, com uma queda na safra 87/88, principalmente a do milho, que nesse período, sofreu defasagem para, em seguida, se recuperar e, em 88/89, aumenta em quantidade de área plantada.

O cultivo dominante é da soja e é em função dessa que as outras atividades se organizam.

O baixo número de trabalhadores é devido à mecanização. Se em 83/84, a produção relativa de área por trabalhador era de aproximadamente 122ha, em 89/90 já é de 283,3. A produção por trabalhador que, em 83/84, era de aproximadamente 62,5 toneladas, na safra 89/90 foi de 125,9 toneladas.

Pode-se notar também que a cada ano há quase uma constante no aumento da área e de produção por trabalhador. Com exceção de 87/88, quando houve uma queda de produção por área e por trabalhador, embora a área plantada tenha sido aumentada em 215 ha. Mas fica claro que o cultivo da soja se sobrepõe aos demais cultivos.

À medida que novas áreas vão sendo abertas para o cultivo, percebe-se a intensificação da tecnologia porque a mão-de-obra não aumenta na mesma proporção. Pelo contrário, é proporcionalmente diminutiva, donde se conclui a intensificação do uso de máquinas e a especialidade crescente da mão-de-obra.

Atualmente se percebe pouca degradação do solo tanto por erosão, quanto por compactação pois são usadas técnicas próprias de conservação. O processo de erosão é mínimo devido a planura topográfica e também porque é usado o sistema de terraciamento de base larga (1).

CONCLUSÃO

O Brasil dispõe de recursos naturais indispensáveis à implantação de uma das mais importantes, prósperas e ricas agriculturas do mundo. O grande território presta-se quase que totalmente a ocupação produtiva, podendo proporcionar um dinâmico espaço agropecuário.

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

Com a instalação das fazendas modernas, novas áreas são incorporadas ao sistema produtivo de forma intensiva e sistematizada, trazendo grandes transformações às paisagens rurais e criando uma nova sociedade sob o comando de grande capital. Há um claro desenvolvimento das forças produtivas com transformações nas relações de trabalho que passam a ser o assalariamento excluindo todo e qualquer outro tipo. Mas, as estruturas desse sistema são diferentes das que sustentaram e sustentam as fazendas tradicionais? Até que ponto toda essa modernidade e dinamismo de atividade vieram romper ou reprodur o antigo modelo agro-exportador?

ABSTRACT

The modernization of the agriculture in the Catalão area, southern Goiás, happens in the decade of 1980 with the advance of the culture of soja, in the expansion process of the capitalism in the country.

The characteristic of the process is the incorporation of new areas to the intensive productive activities with use of advanced technology, systematic occupation of the whole propriety area and the use of specialized professionals.

This modernization is possible because of the great financial investment associated with the know-how of the undertakers natural from southern Brazil.

NOTAS

- (1) - Livre para vender a sua força de trabalho.
- (2) - Lavouras rudimentares de milho, mandioca, feijão e arroz.
- (3) - Calcário é elemento indispensável na correção do solo do cerrado. O calcário utilizado na Fazenda Maringá vem de Coromandel (MG) que fica nos limites com Catalão.
- (4) - Trabalhadores especializados em colheita e plantio.
- (5) - Referência feita a José Carlos Rampelotti que é o administrador e residente na própria fazenda.
- (6) - A cidade aqui é Catalão, situada a aproximadamente 100km da

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

Fazenda.

- (7) - "Seco" significa que o trabalhador deve deduzir suas despesas pessoais do próprio salário.
- (8) - "Livre" significa que o empregador fornece transporte, alojamento e alimentação para o trabalhador sem que isso seja descontado no salário.
- (9) - Numa acepção regional da palavra, peão é entendido como o trabalhador especializado que se desloca de fazenda em fazenda nos períodos de safra.
- (10) - O termo que na região de Catalão substitui o termo colono é agregado, mas no que se refere a modalidade em questão, a expressão agregado também não se aplica.
- (11) - O terraciamento de base larga é feito aproveitando a curva de nível do terreno e ao mesmo tempo que impede a erosão, permite o aproveitamento dos leirões pois não dificulta a mecanização.

BIBLIOGRAFIA

1. ARQUIVOS da Fazenda Maringã. Fontes Primárias. - Entrevistas com trabalhadores rurais e proprietários.
2. COLEÇÃO de Monografias Municipais - Catalão-GO, Rio de Janeiro - IBGE, Nova Série número 60, 1984.
3. FRANÇA, Maria de Souza. O Povoamento do Sul de Goiás -1879-1900. Estudo da dinâmica da ocupação espacial. Dissertação de Mestrado. Goiânia, UFG-USP, 1975 (mimeografado).
4. GUIMARÃES, Alberto Passos. A Crise Agrária. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
5. _____. Quatro Séculos de Latifúndio. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1968.
6. MARTINS, José de Souza. Expropriação e Violência. A questão política no Campo, São Paulo, Ática, 1986.
7. OLIVEIRA, A. Umbelino de. Modo Capitalista de Produção e Agricultura. São Paulo, Ática, 1986.
8. PALACIN, Luis. & MORAES, Maria Augusta Santana. História de Goiás. 4.^a Edição, Goiânia, Ed. UEG, 1986.

MESQUITA, Helena A. - A Modernização da Agricultura: Um caso em Catalão. Boletim Goiano de Geografia. 11(1).54-69. Jan./Dez.1991.

9. STACCIARINI, José Henrique R. Agricultura sob o modo de produção capitalista: Um caso brasileiro - Catalão. Monografia de bacharelado em Geografia, Goiânia, 1988 (mimeografado).
10. VESENTINI, J. Wilhian. Brasil, Sociedade e Espaço. São Paulo, Ática, 1988.